

## Conservação e restauro de uma urna em vidro do século I d.C., encontrada em Mértola (Portugal)

---

Lígia Rafael<sup>1</sup>

Existe uma relação estreita e de complementaridade entre a arqueologia e a conservação. De facto, qualquer intervenção arqueológica deveria incluir na equipa de trabalho um técnico de conservação que acompanhe, no local, a recolha e o levantamento dos materiais de forma a evitar danos nos objetos, recolher o máximo de informação acerca destes ainda no terreno e acondicionar e prestar cuidados de primeiros-socorros *in situ*.

Desde o início dos trabalhos arqueológicos em Mértola que, a par de uma equipa de arqueólogos e historiadores, se constituiu também uma equipa especializada nas mais diversas áreas relacionadas com esta atividade, onde se inclui a conservação e restauro. Há quase três décadas que esta instituição dispõe de uma equipa permanente de técnicos de conservação que se dedicam à recolha, acondicionamento e tratamento dos materiais exumados.

Em Mértola, os anos de 2008 e 2009 foram marcados pela obra de requalificação no eixo comercial, que integra as ruas Dr. Afonso Costa, Dr. Serrão Martins, Largo Vasco da Gama e Rua Alves Redol, que atravessam longitudinalmente a Vila. O acompanhamento arqueológico desta obra trouxe à luz achados importantes como a estrutura de um mausoléu do século VI d.C., as estruturas de uma antiga basílica paleocristã e a necrópole do mesmo período localizada

frente ao Cineteatro Marques Duque, restos de duas torres associados a uma estrutura amuralhada que parecem demonstrar a existência de uma outra cintura de muralhas já referida por Duarte D'Armas no século XVI e uma necrópole de incineração.

Estão documentadas e estudadas as necrópoles relacionadas com as diversas fases de ocupação de Mértola pelo que, foi com surpresa, que foi parcialmente posta a descoberto uma necrópole de incineração na Rua Alves Redol. Esta necrópole esteve em uso entre os séculos I a.C. e III d.C., e daqui foram exumadas diversas urnas de cerâmica, outros artefactos cerâmicos e uma excecional urna de vidro. Relativamente a este objeto, desde logo se percebeu que o seu levantamento, teria que ser efetuado de forma interdisciplinar que incluiria o arqueólogo, o técnico de conservação e o antropólogo. Felizmente, nesta situação, conseguiu-se a conjugação perfeita, e em equipa foi possível recolher o máximo de informação e zelar pela integridade do objeto não só no que se refere à matéria constituinte – o vidro, como à preservação do conteúdo de forma a interferir o menos possível e a possibilitar um estudo futuro que permita resultados fiáveis.

O objeto foi levantado em bloco do terreno e logo se percebeu que para preservar os fragmentos de vidro e o seu conteúdo tinha que, a breve termo, separar-se

---

1 - Câmara Municipal de Mértola/Campo Arqueológico de Mértola

os dois elementos. Assim, no mesmo dia em que foi exumada procedeu-se à remoção de todos os fragmentos de vidro, devidamente catalogados e registados, e efetuou-se um suporte artificial para conteúdo utilizando materiais que não interagissem a curto/médio termo com as terras, cinzas e restos humanos conservados. De uma forma geral, o vidro apresentava um mau estado de conservação, coexistindo no mesmo objeto fragmentos em razoável estado de conservação, somente com as superfícies irisadas, e fragmentos em avançado estado de degradação cuja espessura de vidro se assemelhava à de uma “folha de papel”.

Proceder à reconstituição de um objeto desta tipologia e com estas características constitui um desafio para qualquer técnico de conservação. Esse desafio foi desde o primeiro momento assumido pelo Gabinete de Conservação de Materiais não Cerâmicos do Campo Arqueológico de Mértola que, ao longo de muitos meses,

desenvolveu um trabalho minucioso, moroso e complexo, de limpeza, consolidação, colagem e reconstituição deste objeto com o objetivo de lhe devolver a forma original.

Esta urna de incineração data do século I d.C. e tem paralelos em exemplares conhecidos em Portugal e Espanha. O vidro tem uma tonalidade azul clara, é de má qualidade, apresentando uma grande profusão de bolhas e pequenas fissuras facto que, aliado às características do solo e ao local de enterramento, contribuíram para o mau estado de conservação que apresentava. Por outro lado, tendo em conta as características do material constituinte, pensamos que o objeto teria fracturado logo aquando da sua primeira utilização, facto reforçado pela existência de fragmentos cerâmicos e pedras que “amparavam” a peça no seu local de deposição, pela desigual degradação dos fragmentos e pela deformação que apresentavam.

## BIBLIOGRAFIA

AAVV, *Tavira. Território e poder*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, 2003.

AAVV, *Religiões da Lusitânia – LOQUUNTUR SAXA*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, 2002, pgs. 517 e 523.

ALARCÃO, J., “Vidros romanos do Alentejo no Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa)” in, *Conímbriga*, Volume XVII, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1978, pp. 102-112.

MORENO ROMERO, Lucia Esther, “Manifestaciones funerárias de época altoimperial em Colónia Patrícia” in, *Annales de Arqueologia Cordobesa*, 17, Vol. I, Córdoba, Universidad de Córdoba, 2006, pp. 225-258.

SILVA, Isabel e RAPOSO, Luís, *Vitra Vitri. O vidro antigo em Portugal*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, 2009.

TORRES, *et alii*, “Eixo Comercial de Mértola – Arqueologia de emergência” in, *Mértola Arqueológica 2003-2008*, Mértola, Câmara Municipal de Mértola, 2008, pp. 31-37.

AGRADECIMENTOS: Câmara Municipal de Mértola, Rute Fortuna, Nélia Romba, Guilhermina Bento, Maria de Fátima Palma, Virgílio Lopes e Susana Gómez Martinez.

IMAGENS



Fig. 1. Vista aérea de Mértola.

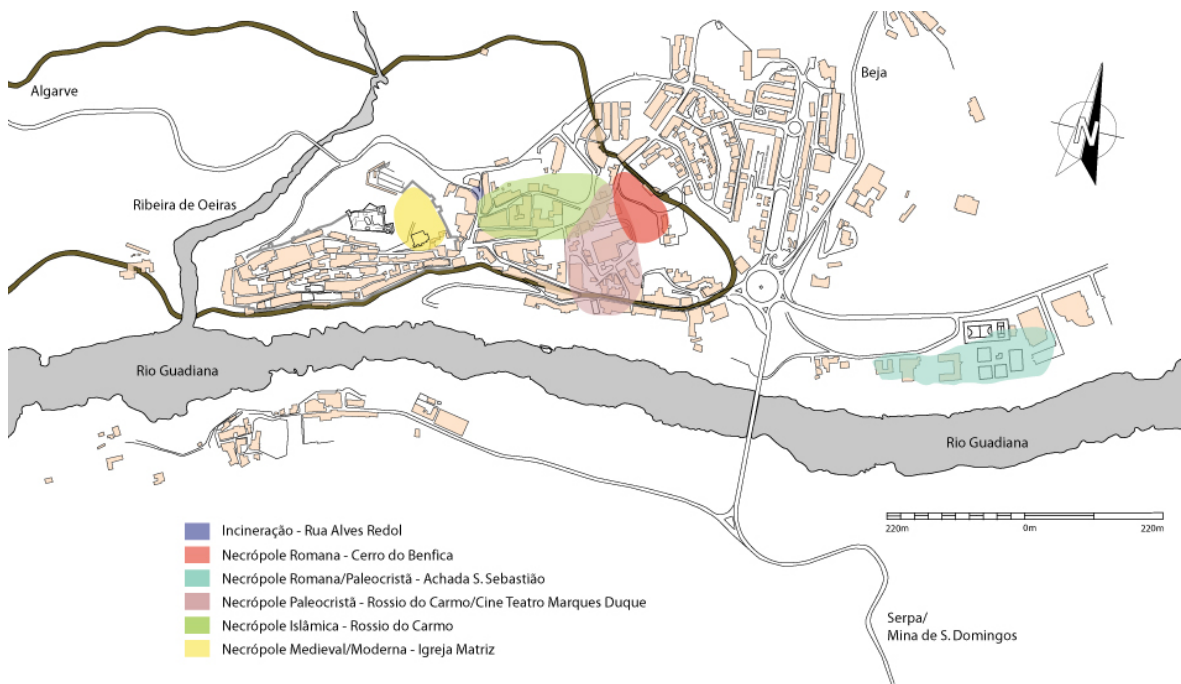


Fig. 2. Planta de Localização das necrópoles identificadas na Vila de Mértola.



Fig. 3. Vista geral das sepulturas de incineração da Ria Alves Redol (Mértola).



Fig. 4. Urna de vidro in situ (necrópole de incineração da Rua Alves Redol).



Fig. 5. Levantamento em bloco da urna de vidro.



Figs. 6 e 7. Acondicionamento e transporte para o Gabinete de conservação.

CONSERVAÇÃO E RESTAURO DE UMA URNA EM VIDRO DO SÉCULO I D.C.,  
ENCONTRADA EM MÉRTOLA, (PORTUGAL)



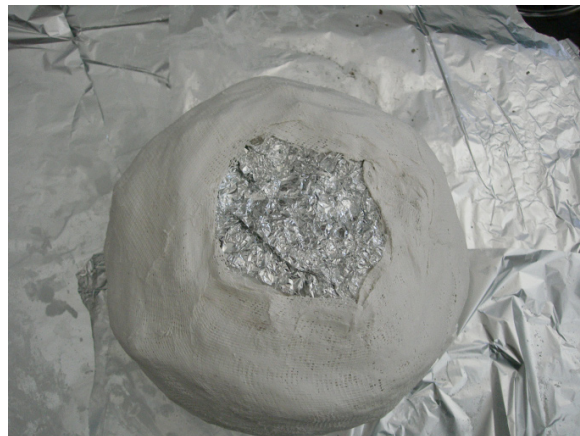
Figs. 8 e 9. Separação dos fragmentos cerâmicos e vítreos do conteúdo da urna.



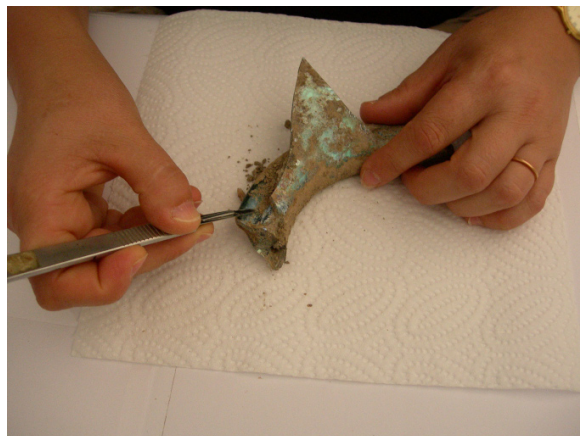
Fig. 10. Aspeto geral dos fragmentos vítreos já separados do conteúdo da urna.



Figs. 11 e 12. Acondicionamento e preservação do conteúdo da urna.

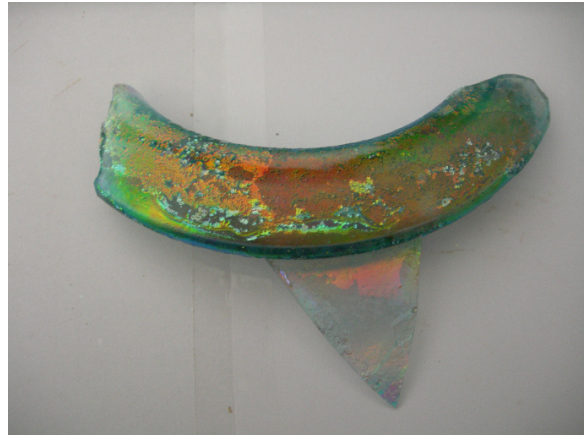


Figs. 13 e 14. Acondicionamento do conteúdo da urna de vidro através da execução de um suporte de gesso que permita a posterior intervenção antropológica.



Figs. 15 e 16. Limpeza mecânica dos fragmentos de vidro.

CONSERVAÇÃO E RESTAURO DE UMA URNA EM VIDRO DO SÉCULO I D.C.,  
ENCONTRADA EM MÉRTOLA, (PORTUGAL)



Figs. 17 e 18. Fragmento durante e após a limpeza.

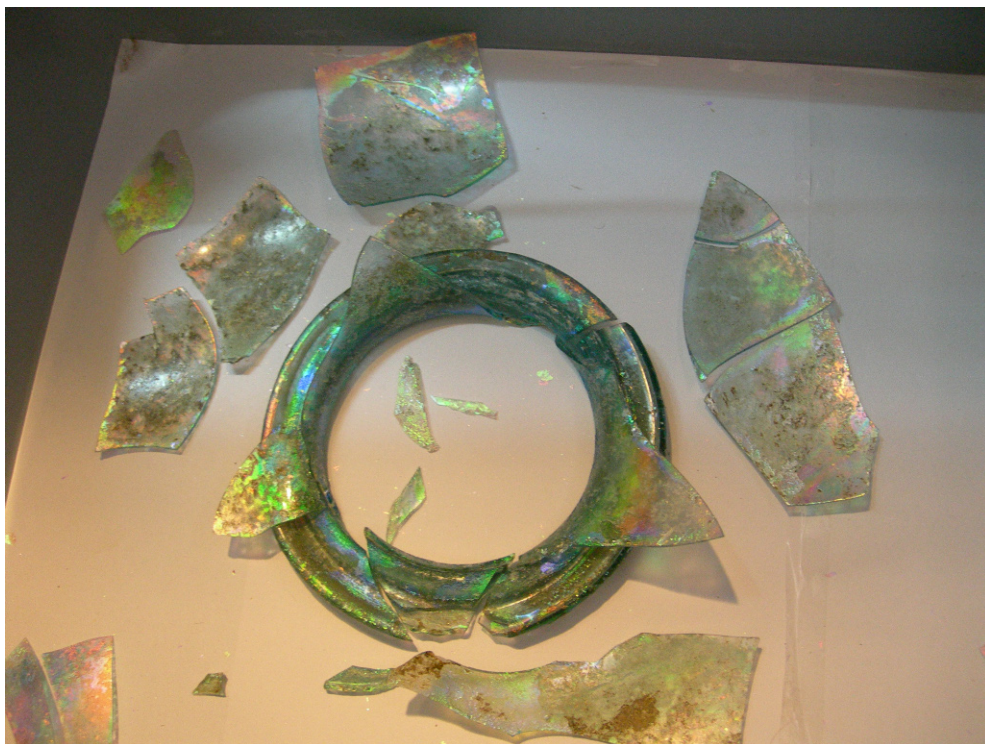
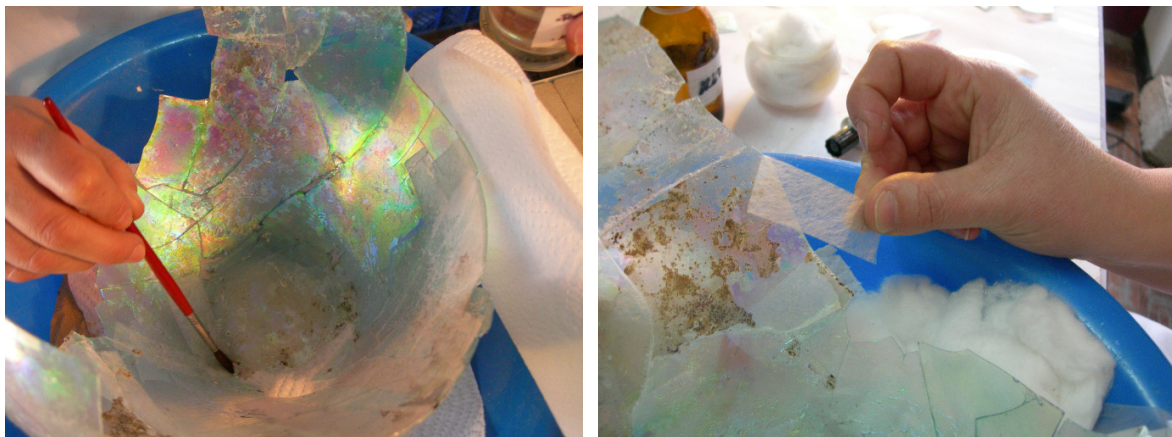


Fig. 19. Fragmentos após a limpeza mecânica.



Figs. 20 e 21. Consolidação e colagem de fragmentos.



Figs. 22 e 23. Reforço do interior com aplicação de fibra de vidro e Paraloid B72.



Fig. 24. Aspecto geral após a colagem de fragmentos e reforço do interior da urna de vidro.



Figs. 25 e 26. Localização da tampa junto da amálgama de cerâmica e vidro e antes da limpeza mecânica.



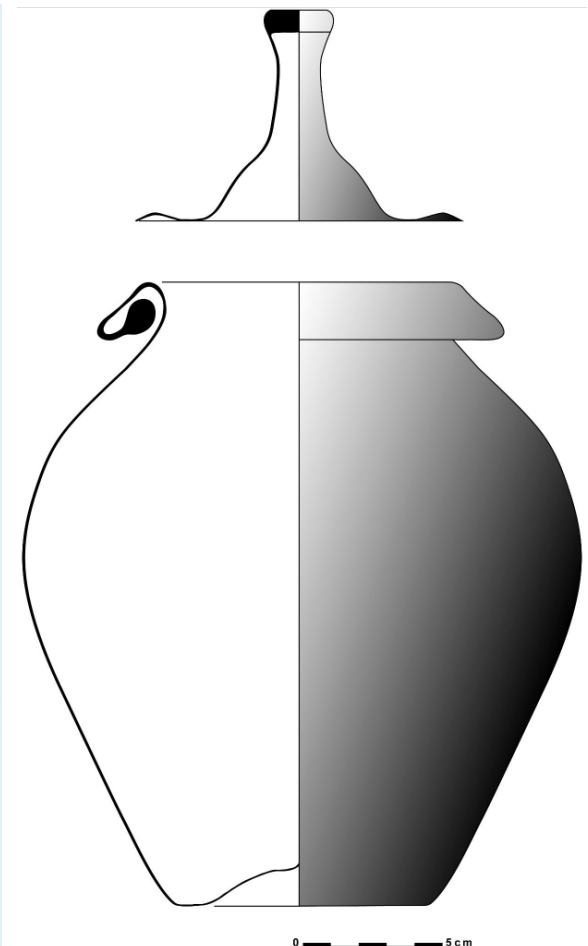
CONSERVAÇÃO E RESTAURO DE UMA URNA EM VIDRO DO SÉCULO I D.C.,  
ENCONTRADA EM MÉRTOLA, (PORTUGAL)



Figs. 27. Tampa de vidro após a intervenção de conservação.



Fig. 28. Urna de vidro após a intervenção de conservação.



Figs. 29 e 30. Urna de vidro com tampa – fotografia e desenho após intervenção de conservação.

# CONSERVAÇÃO E RESTAURO DE UMA URNA EM VIDRO DO SÉCULO I d.C., ENCONTRADA EM MÉRTOLO, (PORTUGAL)

Lígia Rafael

Este é um relatório estreito e de complementaridade entre a arqueologia e a conservação. De facto, qualquer intervenção arqueológica deveria incluir na equipa de trabalho um técnico de conservação que acompanhasse no local a recolha e levantamento dos materiais de forma a evitar danos nos objectos, recolher o máximo de informação acerca destes ainda no terreno e acondicionar e prestar cuidado de primeiros-socorros in situ.

Desde o início dos trabalhos arqueológicos em Mértola que, a par de uma equipa de arqueólogos e historiadores, se constituiu também uma equipa especializada, na mais diversa área relacionada com esta actividade onde se inclui conservação e restauro. Há quase três décadas que esta instituição dispõe de uma equipa permanente de técnicos de conservação que se dedicam à recolha, acondicionamento e tratamento dos materiais exumados.

Na Vila de Mértola, os anos de 2008 e 2009 foram marcados pela obra de requalificação no eixo comercial, que integra as ruas Dr. Afonso Costa, Dr. Sérgio Lopes e a Rua Alves Redol, e que levou à descoberta de um conjunto de vestígios arqueológicos de uma antiga habitação paleocristã do mesmo período localizados frente ao Círculo Marques Duque, restos de duas torres associadas a uma estrutura amuralhada numa necrópole de incineração.

Esta descoberta e a existência de necrópoles paleocristãs, com 34 defunções de origem de Mértola pelo que foi com o tempo, que foi paralelamente feita a descoberta de um fragmento de vidro na Rua Alves Redol. Esta descoberta foi feita por um arqueólogo e um conservador de bens culturais, que não tinham experiência em vidro. Este fragmento de vidro, de forma arredondada e com um corpo largo e um pescoço curto, foi identificado como um fragmento de uma urna de vidro, provavelmente de origem local, datada do século I d.C. e do tipo conhecido como "urna de vidro". Este fragmento foi encontrado no mesmo período localizados frente ao Círculo Marques Duque, restos de duas torres associadas a uma estrutura amuralhada numa necrópole de incineração.

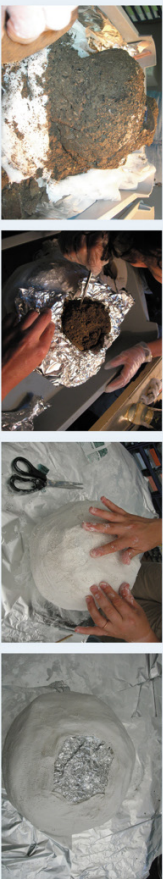
O objecto foi levantado em bloco do terreno e logo se percebeu que para preservar os fragmentos de vidro e o seu conteúdo tinha que a breve termo, separar-se os dois elementos. Assim, no terreno da em que foi exumada procedeu-se à remoção de todos os fragmentos de vidro, devidamente catalogados e embalados e efectuou um corte a frio, o que não afectou o conteúdo. De seguida, o conteúdo foi colocado num saco plástico e o objecto foi colocado num saco de plástico de estado de conservação, somente com as superfícies lidas, e fragmentos em avançado estado de degradação cuja espessura de vidro se assemelhava a de uma "folha de papel".

Proceder à reconstrução de um objecto desta tipologia e com estas características constitui um desafio para qualquer técnico de conservação. Este desafio foi desde o primeiro momento assumido pelo Gabinete de Conservação de Materiais Não Cerâmicos do Campo Arqueológico de Mértola que, ao longo de muitos meses, desenvolveu um trabalho minucioso, metódico e complexo, de limpeza, consolidação, colagem e reconstrução deste objecto com o objectivo de lhe devolver a forma original.

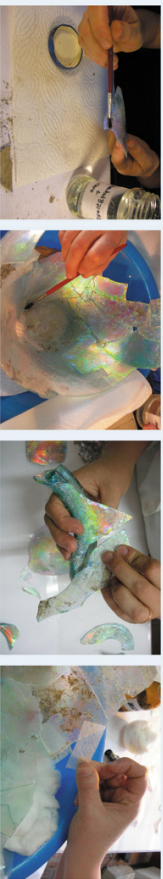
Em uma de incineração data do século I d.C. e tem paralelos em exemplares conhecidos em Portugal e Espanha. O vidro tem uma tonalidade azul clara, e de má qualidade, apresentando uma grande profusão de bolhas e pequenas fissuras que, aliadas às características do solo e ao local de enterramento, contribuíam para o mau estado de conservação que apresentava. Por outro lado, tendo em conta as características do material constituinte, penso que este objecto teria fraturado logo quando da sua primeira utilização, facto reforçado pela existência de fragmentos cerâmicos e pedras que "ampanavam" a peça no local de deposição, pela desigual degradação dos fragmentos e pela deformação que apresentavam.



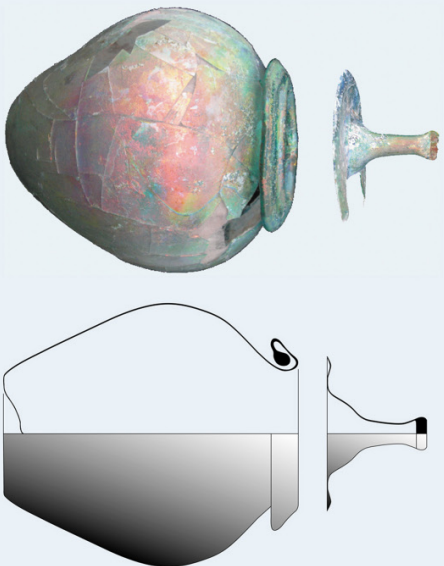
Levantamento da urna em bloco e transporte para o gabinete de conservação.



Prevenção do conteúdo da urna através da execução de um suporte artificial em gesso.



Consolidação colagem e reforço do interior da urna com a aplicação de película de fibra de vidro e Parafol B72.



Vista geral das sepulturas de incineração da Rua Alves Redol.



Separação dos fragmentos cerâmicos e vítreos do conteúdo da urna.



Limpeza mecânica dos fragmentos vítreos.



Limpeza da tampa em vidro.

**BIBLIOGRAFIA:**  
 AAV, *Primeira e posterior*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, 2003.  
 AAV, *Relatório de Trabalho – LIGIUM/ITR SIVA*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, 2002, pp. 517 e 523.  
 Coimbra, Universidade de Coimbra, 1978, pp. 103-112.  
 Lopes, Virgílio e *alt.*, *Intervenções arqueológicas do eixo comercial de Mértola. Alguns dados preliminares*, in *IV Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, Mértola, 2009.

**MORENO ROMERO**, Lucía Esther, "Manifestaciones funerarias de época altomedieval en Colonia Parida", in *Anales de Arqueología Condalca*, 17, Vol. I, Cordoba, Universidad de Córdoba, 2006, pp. 225-238.  
 TORRES e *alt.*, *Excavación de un túmulo paleocristiano en Mértola*, *Arqueología* 2003-2006, Mértola, Câmara Municipal de Mértola, 2008, pp. 31-37.

**AGRADECIMENTOS:**  
 Câmara Municipal de Mértola, Rui Fortuna, Vítor Bomba, Gabriela Bento, Maria de Fátima Palma, Susana Gomes Almeida, Vítor Lopes e Cláudio Sousa.



Fig. 31. Poster apresentado no V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular realizado em Almodôvar de 18 a 20 de novembro de 2010.